



***MASCULINIDADES NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS E  
INTERVENÇÕES TRANSFORMADORAS PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA DE  
GÊNERO: REVISÃO DE ESCOPO***

***MASCULINIDADES EN LOS ESPACIOS EDUCATIVOS E  
INTERVENCIONES TRANSFORMADORAS PARA PREVENIR LA VIOLENCIA  
DE GÉNERO: REVISIÓN DE ALCANCE***

***MASCULINITIES IN EDUCATIONAL SETTINGS AND GENDER-  
TRANSFORMATIVE INTERVENTIONS TO PREVENT GENDER VIOLENCE:  
SCOPING REVIEW***

*Luciene Rodrigues Barbosa*<sup>1</sup>

**RESUMO**

A violência baseada em gênero (VBG) afeta uma em cada três jovens no mundo, e normas de masculinidade hegemônica são vetor central desse fenômeno. Este estudo objetivou analisar características e desfechos de intervenções educacionais que problematizam masculinidades hegemônicas para prevenir VBG entre adolescentes. Trata-se de uma revisão de escopo internacional conforme PRISMA-ScR; buscas nas bases PubMed, Scopus e Cochrane Library (2018-2023) identificaram 607 registros, dos quais oito cumpriram os critérios de inclusão. Os resultados evidenciaram que a maioria das intervenções relatou melhora nas atitudes de gênero e redução autodeclarada de comportamentos violentos. Programas escolares apontaram maior uso de contracepção segura e aumento da intenção de intervir como observador; iniciativas comunitárias mostraram diminuição da tolerância à violência e fortalecimento de habilidades de comunicação não violenta. Portanto, intervenções que associam reflexão crítica, participação de pares e adequação sociocultural demonstram potencial preventivo e merecem ampliação em contextos educacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidade. Educação. Violência de Gênero. Adolescente.

---

<sup>1</sup>Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Universidade federal de São Paulo.

## RESUMEN

La violencia basada en género (VBG) afecta a una de cada tres jóvenes en el mundo, y las normas de masculinidad hegemónica constituyen un factor central de este fenómeno. Este estudio tuvo como objetivo analizar las características y los resultados de intervenciones educativas que problematizan las masculinidades hegemónicas para prevenir la VBG en adolescentes. Se trata de una revisión de alcance internacional según PRISMA-ScR; las búsquedas en PubMed, Scopus y Cochrane Library (2018-2023) identificaron 607 registros, de los cuales ocho cumplieron los criterios de inclusión. Los resultados evidenciaron que la mayoría de las intervenciones informó mejoras en las actitudes de género y reducciones autodeclaradas de comportamientos violentos. Los programas escolares mostraron un mayor uso de anticoncepción segura y un aumento de la intención de intervenir como observadores; las iniciativas comunitarias indicaron menor tolerancia a la violencia y fortalecimiento de habilidades de comunicación no violenta. Las intervenciones que combinan reflexión crítica, participación de pares y adecuación sociocultural presentan potencial preventivo y merecen ampliarse en contextos educativos.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidad. Educación. Gender-Based Violence. Adolescente.

## ABSTRACT

Gender-based violence (GBV) affects one in three young women worldwide, and hegemonic masculinity norms are a major driver of this phenomenon. This study aimed to analyse the characteristics and outcomes of educational interventions that challenge hegemonic masculinities in order to prevent GBV among adolescents. This is a scoping review following PRISMA-ScR; searches of PubMed, Scopus and the Cochrane Library (2018-2023) retrieved 607 records, of which eight met the inclusion criteria. The results showed that most interventions reported improved gender attitudes and self-reported reductions in violent behaviours. School-based programmes showed greater use of reliable contraception and increased intention to intervene as bystanders; community initiatives recorded lower tolerance of violence and stronger non-violent communication skills. Interventions that combine critical reflection, peer participation and sociocultural tailoring show preventive potential and should be expanded in educational settings.

**KEYWORDS:** Masculinity. Education. Violencia de Género. Adolescent. Young Adult.

\*\*\*

## Introdução

A violência baseada em gênero (VBG) constitui problema global de saúde pública que atinge desproporcionalmente as mulheres. Entre jovens, a magnitude da violência sexual (VS) e da violência baseada em gênero (VBG) tem despertado preocupação crescente. Na União Europeia, estima-se que 6% das mulheres de 18 a 29 anos sofram VPI física e/ou sexual, enquanto até 48% experimentem VPI psicológica; em mulheres mais velhas, esses percentuais caem para aproximadamente 4% e 32%, respectivamente (Leiva et al., 2024, p. 5). Essa discrepância também se verifica em países como Vietnã e

Índia onde a prevalência atual de VPI física ou psicológica alcança cerca de 30% entre mulheres de 15 a 24 anos (K.G. Santhya; A. J. Francis Xavier 2021, p. 639; Kathryn M Yount Yount et al. 2023, p. 10). No mundo todo, entre 3% e 24% das meninas relatam coerção em sua primeira relação sexual, valores provavelmente subestimados devido ao estigma da denúncia (Organização Mundial da Saúde, 2010, p. 1).

As consequências da exposição precoce à VBG incluem maior probabilidade de uso de substâncias, depressão, comportamento suicida, baixo rendimento escolar, transtorno de estresse pós-traumático, alterações ponderais e maior risco sexual (Nihaya Daoud et al., 2022, p.6539). Tais efeitos podem persistir ao longo da vida, portanto, identificar estratégias eficazes de prevenção é imperativo, sobretudo para adolescentes e jovens adultos. Evidências indicam que a vivência de abuso sexual ou VBG na adolescência aumenta o risco de revitimização e de comportamento violento na idade adulta (Yount et al. 2023, p. 9; Ann Gottert et al. 2025, p. 11).

Por outro lado, intervenções educacionais que capacitam jovens a reconhecer diferentes formas de violência, mitos de gênero e recursos de apoio são fundamentais para a construção de uma sociedade menos hegemônica (Santhya; Xavier 2022, p. 1420). Essas iniciativas examinam padrões de socialização diferenciada, questionam o papel das masculinidades tradicionais na perpetuação das desigualdades de gênero e desenvolvem habilidades, atitudes e práticas protetoras. Por conseguinte, a participação de meninos e homens é crucial para enfrentar a VBG contra mulheres (Vanessa Pérez-Martínez et al. 2022, p. 484).

Masculinidades referem-se a atributos socialmente atribuídos aos homens (Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes 2023, p. 5). A masculinidade hegemônica reforça a posição dominante dos homens, associa-se frequentemente à legitimação da violência, controle emocional, tomada de riscos, homofobia e responsabilidade financeira exclusiva (Leiva, 2024, p. 4). Ao mesmo tempo, emergem expressões positivas de masculinidade — inclusivas, empáticas e igualitárias — defendidas por homens que se opõem à violência contra mulheres (Daoud, 2022, p. 6538).

A abordagem transformadora de gênero busca promover relações mais equitativas e não violentas por meio da revisão de atitudes, comportamentos e estruturas comunitárias (Maria Lohan et al. 2022, p. e630). Estudos sugerem que tal abordagem reduz comportamentos de risco e perpetuação de VBG em homens adultos e adolescentes (Kaleab Z. Abebe et al. 2018, p. 28; Kylie King et al. 2022, p. 9).

Embora várias revisões analisem características e efeitos de intervenções preventivas de VBG em adolescentes e jovens adultos, poucas enfocam explicitamente a abordagem transformadora de gênero e a desconstrução da masculinidade hegemônica. Dessa forma, este estudo objetivou analisar as características e desfechos de intervenções educacionais que problematizam masculinidades hegemônicas para prevenir VBG entre adolescentes.

### **Procedimentos Metodológicos**

Este estudo consistiu em uma revisão de escopo desenvolvida de acordo com o arcabouço metodológico proposto recomendado no *JBIM Manual for Evidence Synthesis* destinadas a *scoping reviews*, o checklist PRISMA-ScR, assegurando transparência e reprodutibilidade em todas as etapas (Andrea C. Tricco et al. 2018, p. 7). O protocolo foi previamente registrado na plataforma Open Science Framework sob DOI <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/JAT4Y>, em consonância com as boas práticas de ciência aberta.

Os critérios de elegibilidade incluíram: (1) estudos originais que avaliassem intervenções educacionais destinadas a promover relações de gênero mais equitativas ou programas fundamentados em abordagem transformadora de gênero, direcionados especificamente a adolescentes e jovens adultos, com o objetivo de prevenir ou reduzir violência física, sexual e/ou psicológica dentro ou fora de ambientes educacionais; (2) estudos que apresentassem resultados quantitativos ou qualitativos sobre os efeitos dessas intervenções no risco de violência contra mulheres; e (3) publicações em inglês, português ou espanhol, disponível na íntegra.

Inicialmente, definiu-se o tema e formulou-se a questão norteadora empregando a estratégia PCC, que abrange: População (P): Adolescentes e jovens de 10 a 24 anos (estudantes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio, cursos técnicos, programas de juventude ou ensino superior inicial); Conceito (C): Intervenções educacionais de abordagem transformadora de gênero (masculinidades hegemônicas; positivas/igualitárias; redução ou prevenção VBG); Contexto (C): Ambientes educacionais formais e não-formais: salas de aula, pátios, centros juvenis, universidades, cursos profissionalizantes, plataformas on-line institucionais ou projetos comunitários com componente educativo estruturado).

A questão norteadora foi delineada foi: Quais são os principais desfechos de intervenções educacionais com abordagem transformadora de gênero que problematizam masculinidades hegemônicas entre adolescentes e jovens (10 – 24 anos) em contextos educacionais formais e não formais?

A busca abrangeu publicações sem recorte temporal em cinco bases de dados eletrônicas: Medline/PubMed, Scopus, Web of Science, Scielo e LILACS. Utilizaram-se descritores MeSH, DeCS e palavras-chave relacionados a avaliação de intervenções, violência de gênero, transformação de gênero e masculinidades. O Quadro 1 apresenta a estratégia de busca empregada na PubMed, posteriormente adaptada às demais bases.

**QUADRO 1:** Estratégia de busca de estudos analisados.

| <b>Descritores controlados</b>  |
|---|
| (Positive OR alternative OR violence OR hegemonic OR healthy) AND (masculin OR (gender-transformative OR gender transformative)) AND (program OR intervention) AND (young OR youth OR adolescent) |

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

O revisor exportou o conjunto de referências para o Rayyan e utilizou a plataforma para identificar e remover registros bibliográficos duplicados. Após a busca, procedeu-se à triagem dos títulos, resumos e textos completos. Em seguida, os dados foram extraídos e categorizados em planilha no Microsoft Excel (pré-testada); optou-se por síntese narrativa e análise bibliométrica de descritores no VOSviewer 1.6.20. Ensaios clínicos randomizados foram avaliados pelo instrumento ROB 2.0, e estudos quasi-experimentais pela Check-list JBI. O risco de viés foi classificado em baixo, moderado ou alto.

### **Considerações éticas**

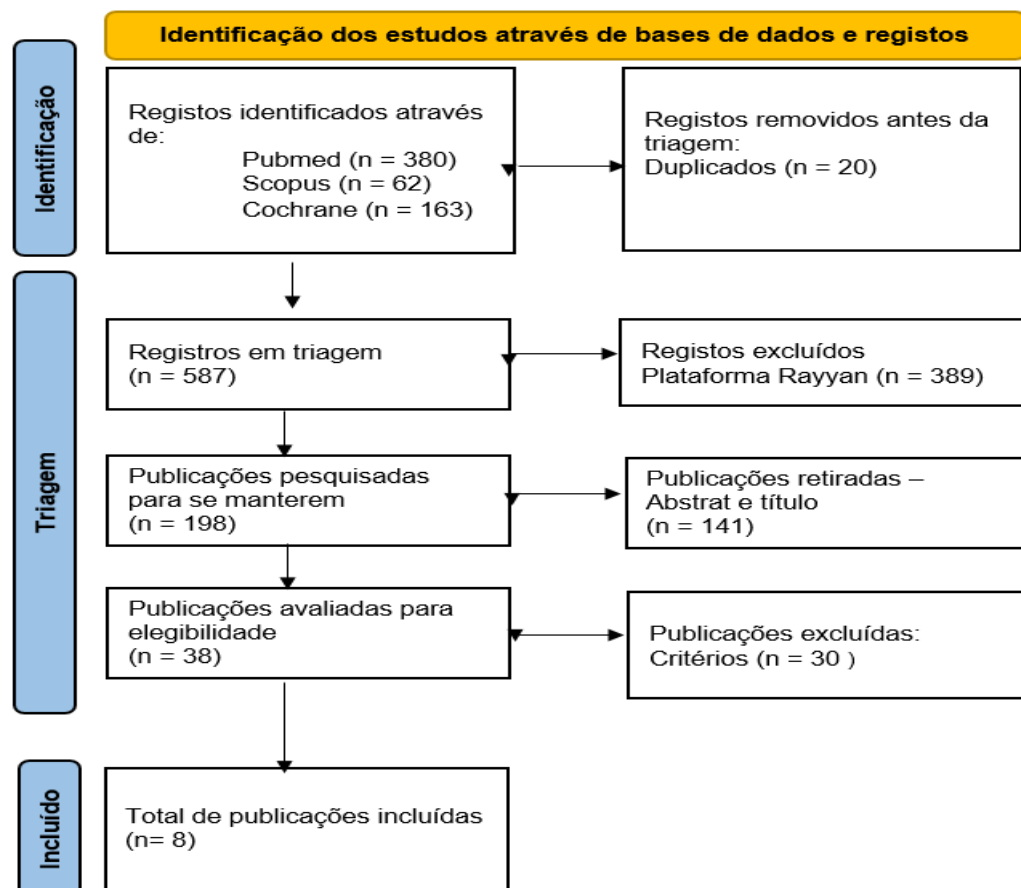
Por se tratar de análise secundária de dados disponíveis publicamente, não se exigiu submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS 510/2016. Todos os estudos primários incluídos declararam aprovação ética.

### **Resultados e Discussão**

Foram identificados 607 registros nas bases de dados pesquisadas, após a remoção de 389 duplicatas no Software Rayyan, restaram 198 títulos e resumos para a primeira

triagem. Os estudos potencialmente elegíveis passaram, então, à leitura em texto completo (segunda triagem), ao término da qual 08 artigos atenderam a todos os critérios de inclusão. O fluxograma PRISMA-ScR detalhando cada etapa do processo encontra-se na Figura 1.

**Figura 1:** Fluxograma PRISMA 2020 dos estudos analisados.



**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

### Análise metodológica

Nesta avaliação, foram coletadas informações detalhadas sobre o desenho de cada artigo incluído, abrangendo tanto ensaios clínicos randomizados de natureza quantitativa quanto estudos de métodos mistos. Para os ensaios clínicos, o risco de viés foi examinado por meio da ferramenta Cochrane RoB 2, que contempla os domínios de randomização, desvios da intervenção, dados ausentes, mensuração dos desfechos e seleção dos resultados relatados (Figura 2).



**Figura 2:** Qualidade dos estudos sobre intervenções abordagem transformadora de gênero de acordo com a Ferramenta de Avaliação de Método estudo clínico randomizado.

|                      | Risk of bias domains |    |    |    |    | Overall |
|----------------------|----------------------|----|----|----|----|---------|
|                      | D1                   | D2 | D3 | D4 | D5 |         |
| Culyba et al., 2023  | +                    | +  | -  | +  | +  | -       |
| Lohan et al., 2022   | +                    | +  | +  | +  | +  | +       |
| Lohan et al., 2023   | +                    | +  | +  | +  | +  | +       |
| Miller et al., 2020  | +                    | +  | -  | +  | +  | -       |
| Abebe et al., 2018   | +                    | +  | +  | +  | +  | +       |
| Santhya et al., 2019 | +                    | -  | ?  | +  | +  | -       |
| King et al., 2022    | +                    | +  | +  | +  | +  | +       |

Study

Domains:  
D1: Bias arising from the randomization process.  
D2: Bias due to deviations from intended intervention.  
D3: Bias due to missing outcome data.  
D4: Bias in measurement of the outcome.  
D5: Bias in selection of the reported result.

Judgement  
- Some concerns  
+ Low  
? No information

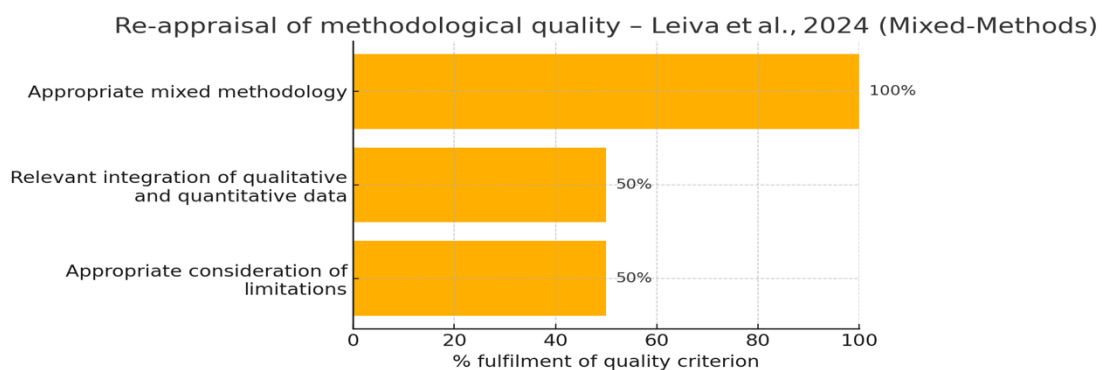
**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

A aplicação do instrumento RoB 2 (Risk of Bias 2) evidenciou um panorama metodologicamente robusto para a maioria dos ensaios clínicos avaliados. Quanto aos desvios da intervenção (D2), apenas o ensaio de K.G. Santhya et al. (2019, p. 1420) suscitou preocupação moderada, possivelmente em razão da implementação em clubes juvenis rurais, contextos menos controlados do que ambientes escolares ou clínicos. O domínio D3 – dados ausentes revelou-se o ponto mais vulnerável: estudos registraram perdas de seguimento expressivas que podem comprometer a validade interna (Alison J. Culyba et al. 2023, p. 11240; Elizabeth Miller et al. 2020, p. 9); e outro estudo a informação disponível foi insuficiente para uma avaliação conclusiva (Santhya et al., 2019, p. 1421).

Portanto, apesar dessas fragilidades pontuais, o corpo de evidências mantém, em geral, elevada qualidade metodológica, oferecendo base razoavelmente sólida para inferir a efetividade dos programas transformativos de gênero avaliados.

Nos estudos de métodos mistos, além dos componentes quantitativos, considerou-se a integração dos dados qualitativos para assegurar avaliação metodológica abrangente (Figura 3).

**Figura 3:** Qualidade do estudo sobre intervenções abordagem transformadora de gênero de acordo com a Ferramenta de Avaliação de Método Misto.



**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

O estudo é metodologicamente robusto no desenho e nos procedimentos centrais; as principais fragilidades situam-se na integração analítica em estudo quali–quanti e na gestão de limitações (perdas de seguimento, influência do pesquisador).

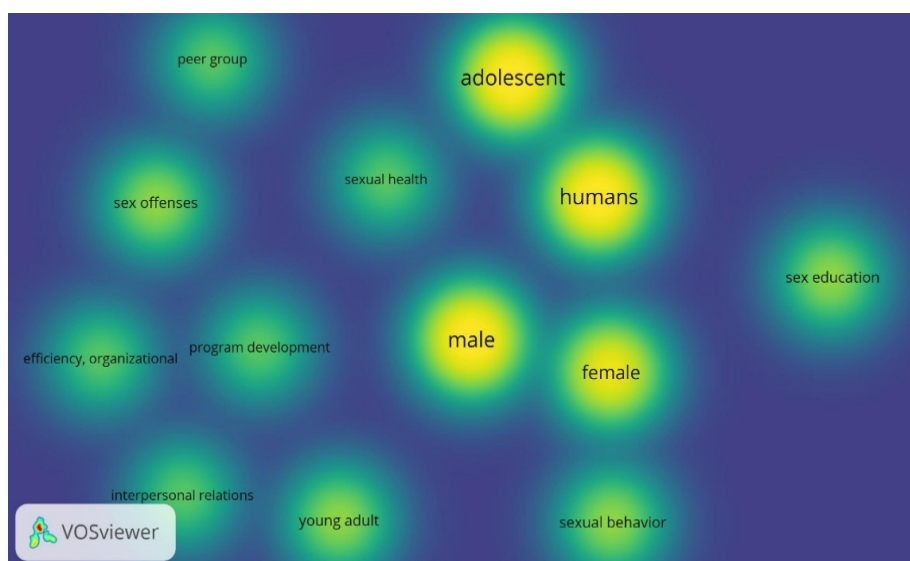
### **Análise bibliométrica**

A investigação foi realizada com o VOSviewer (versão 1.6.20), ferramenta gratuita amplamente utilizada em estudos métricos da informação. Como resultado, gera mapas visuais que destacam clusters temáticos, padrões de colaboração e tendências emergentes, oferecendo suporte quantitativo e gráfico para analisar a estrutura e a evolução do campo.

A rede de coocorrência obtida evidencia a predominância informações demográficos — “male”, “female”, “adolescent”, “young adult” e “humans” (Figura 1).



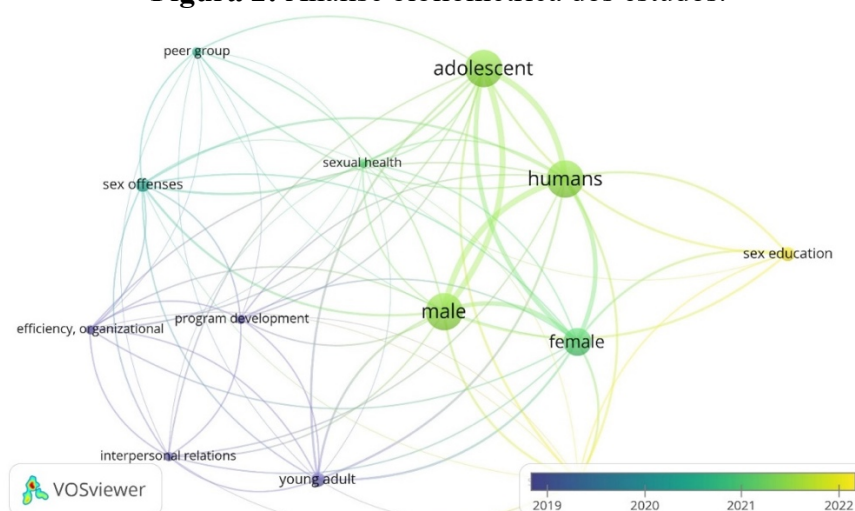
**Figura 1:** Mapa de densidade dos estudos analisados.



**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

Embora indispensáveis para indexação, tais termos pouco esclarecem as nuances das masculinidades. Sua alta centralidade (grau elevado e ligações fortes) reflete o viés biomédico dos vocabulários MeSH e DeCS e, por conseguinte, obscurece descritores analíticos cruciais, como “masculinities”, “gender norms” e “hegemonic masculinity” (Figura 2). Em consequência, discussões sobre poder, interseccionalidade e performatividade acabam subsumidas a rubricas clínicas, tais como “sexual health” ou “sex offenses”.

**Figura 2:** Análise bibliométrica dos estudos.



**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

A análise bibliométrica indica deslocamento do foco temático (Figura 2). A reduzida espessura das arestas que conectam “sex education” a nós demográficos sugere articulações ainda superficiais entre iniciativas educativas e perfis etários ou de gênero: multiplicam-se os programas, mas a problematização das masculinidades permanece periférica. A posição quase isolada de “efficiency, organizational” revela outra lacuna, análises de custo-efetividade raramente dialogam com o debate transformador, fragilizando argumentos de escalabilidade. Em conjunto, o panorama confirma um campo ainda ancorado em descritores biomédicos, com avanços tímidos na incorporação de abordagens pedagógicas e virtual ausência de análises interseccionais ou econômicas. Esses gargalos epistemológicos limitam a consolidação de intervenções de gênero transformadoras e apontam para uma agenda de pesquisa que integre conceitos, adote maior rigor metodológico e inclua avaliações de custo-efetividade.

**Tabela 1.** Características principais e resultados de intervenções com abordagem transformadora de gênero.

| <b>Autor (Ano)</b>                                 | <b>Abordagem</b>  | <b>Nome do programa</b> | <b>Breve descrição do programa</b>  | <b>Resultados primários</b>  | <b>Resultados secundários / observações</b>  |
|--|---|-------------------------|---|--|--|
| Culyb<br>a et al.<br>(2023,<br>p.<br>11239<br>-41) | Oficinas participativas que questionam normas de gênero dominantes e treinam habilidades protetor (interrupção de violência entre pares). | Manho<br>od 2.0         | 18 h de sessões em bairros urbanos de baixa renda, ministradas por facilitadores masculinos jovens. | Perpetrar SV/ARA aos 9 meses: sem efeito preventivo global; risco ↑ entre não-perpetradores, ↓ violência de pares entre perpetradores prévios. | Reduções paralelas em comportamento protetor e homofóbico em ambos os braços; sugere benefício de combinar gênero e empregabilidade.       |
| Lohan<br>et al.<br>(2022,<br>p.<br>e630-<br>633)   | Currículo escolar que usa filme interativo em 1ª pessoa para estimular empatia e corresponsabilidade masculina na gravidez.               | If I<br>Were<br>Jack    | 4–5 aulas RSE e material para pais; aplicado por professores treinados em 66 escolas do Rurais      | Evitar sexo desprotegido (12–14 m): nulo (86% ambos os grupos).  | ↑ uso de contracepção confiável entre sexualmente ativos; ganhos em conhecimento e atitudes de gênero; custo incremental £ 2,83/estudante. |
| Leiva<br>et al.                                    | Integra discussões de   | ENFO<br>CATE            | Cluster-RCT + qualitativo;  | Melhora do conhecimento,   |  |

|                              |  |                       |  |   |  |
|------------------------------|--|-----------------------|--|---|--|
| (2024, p.4-6)                | gênero, direitos sexuais e sensibilidade cultural em aulas participativas.                                 |                       | 10.º–11.º ano, 12 sessões; material culturalmente adaptado (Chile).                                | atitudes e comportamentos (pós e 3 m);  | [-]  |
| Lohan et al. (2023, p. 90)   | Idem 2022; inclui avaliação econômica detalhada.   | If I Were Jack        | Versão completa com custos mensurados.   | Evitar sexo desprotegido (12–14 m): nulo (OR 0,85; $p = 0,42$ ).                                | ↑ uso de contracepção confiável (OR 0,52) e de conhecimento/atitudes; modelo projetou 379 gestações evitadas/100 alunos. |
| Miller et al. (2020, p. 8-9) | Oficinas de reflexão crítica sobre masculinidade em contexto comunitário.                                  | Manhood 2.0           | Mesma lógica que Culyba, porém ensaio primário (20 bairros).                                       | Redução de SV/ARA aos 9m: sem diferença vs. controle de empregabilidade (OR 1,32; $p = 0,20$ ). | Queda absoluta em ambos os braços; indica necessidade de maior dose ou sinergia com componentes socioeconômicos.         |
| Abebe et al. (2018, p.26-28) | Racionaliza a combinação de mudança de normas e habilidades protetores em ambientes de desvantagem urbana. | Manhood 2.0           | Artigo de protocolo; descreve 18h de oficinas, formação de facilitadores e avaliação de processos. | Contribui com diretrizes de implementação, fidelidade e análise de custos                       | [-]  |
| Santhya et al. (2019)        | Educação para habilidades de vida e esporte para desafiar normas patriarcais em clubes juvenis rurais.     | Não nominado          | 24 encontros; componentes de debate crítico e prática esportiva igualitária.                       | Mudança em atitudes de gênero e aceitação: melhora significativa ( $p < 0,05$ ).                | Efeito maior entre participantes assíduos; destaca importância da adesão.  |
| King et al. (2022, p. 9-10)  | Workshops que desconstruem o “código masculino” e incentivam procura de ajuda.                             | Breaking the Man Code | Sessão de 2½ h; facilitadores externos; avaliação em escolas australianas.                         | Primário (intenção de buscar ajuda, 4–6 sem)  | Planeja medir bem-estar, atitudes de masculinidade e custo-efetividade; adaptação online por COVID-19.                   |

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025)

Os achados desta revisão indicam que intervenções educativas voltadas a adolescentes e jovens, fundamentadas em abordagens transformadoras de gênero e masculinidades, geram efeitos promissores na prevenção da violência baseada em gênero (VBG) e em desfechos escolares correlatos. Estudos conduzidos em ambiente escolar observou-se aumento do uso de contracepção confiável e maior intenção de intervir diante de assédio, agressão ou discurso de ódio; o desfecho “sexo desprotegido”, entretanto, permaneceu inalterado (Lohan et al., 2022, p. 92; 2023, p. e633; King et al., 2022, p. 10).

O contraste entre avanços em indicadores intermediários e a ausência de efeito no desfecho composto sugere que alterações cognitivas e volitivas precedem comportamentos sexuais mais complexos, em consonância com modelos de estágios de mudança. A magnitude modesta do efeito evidencia o caráter incremental das intervenções escolares, nas quais fatores extraescolares, como normas familiares e mídias digitais, tendem a atenuar o impacto programático.

Em programas comunitários e a intervenção de clubes juvenis rurais na Índia, observaram-se reduções modestas, porém estatisticamente significativas, em atitudes de tolerância à violência e, em análise secundária, queda do bullying homofóbico (Miller et al., 2020, p. 9-10; Culyba et al., 2023, p.11237; Santhya et al., 2019, p. 1419). Esses resultados realçam o papel do capital social e das normas de pares como vetores de mudança comportamental. A diminuição do bullying homofóbico, embora derivada de análise secundária, evidencia a ligação entre normas de gênero rígidas e hostilidade a dissidências sexuais, indicando que intervenções de masculinidade podem repercutir além da violência de gênero, afetando o clima de respeito à diversidade.

Estudos longitudinais relataram diminuições sustentadas em violência física, sexual e psicológica após a intervenção, tanto na vitimização quanto na perpetração, sinalizando transferência parcial de aprendizagem para contextos cotidianos. A persistência dos efeitos nesse intervalo sugere consolidação inicial de novos scripts relacionais, mas não assegura manutenção de longo prazo; a carência de follow-ups superiores a um ano limita inferências sobre durabilidade. Análises mediadas por autoeficácia e suporte social poderiam esclarecer mecanismos que prolongam ou dissipam esses efeitos.

No ambiente educacional, a socialização secundária—por meio de escola, mídia e discurso público—modela representações de masculinidade Ariadna Cerdán-Torregrosa, 2025, p. 8; Alison J Culyba, 2023, p. 8). As intervenções incluíram técnicas de gestão de conflitos e comunicação não violenta (Miller et al., 2020, p.7). A integração de

habilidades socioemocionais reflete a tendência de curricularizar competências transversais; contudo, sua eficácia depende da formação docente e do clima escolar.

O êxito dos programas repousa em três eixos: consciência crítica sobre normas de gênero, engajamento comunitário—pais, docentes e lideranças—e redes de apoio social (Eimear Ruane-McAteer *et al.* 2020, p. 11). Componentes de empregabilidade funcionam como incentivos de adesão ao conectar objetivos acadêmicos e profissionais ao currículo de gênero. A ênfase na empregabilidade sugere abordagem ecológica: oportunidades econômicas reforçam mudanças atitudinais sem ameaçar o status masculino, conforme prevê a teoria da identidade social. Ensaaios que variem a “dose” desse componente podem esclarecer seu peso relativo na adesão e na redução da violência.

Sustentabilidade e escalabilidade permanecem desafios. Implementações conduzidas por facilitadores pares dependem de apoio governamental, formação contínua e coordenação intersetorial para institucionalização (Mirthe Verbeek *et al.*, 2023, p.2921). Contextos com legislação protetiva e maior equidade de gênero associam-se a menor prevalência de violência (Danielle Herreen *et al.*, 2021, p.8-9). A dependência de suporte estatal reforça a necessidade de evidências econômicas robustas: análises de custo-efetividade e *policy briefs* podem persuadir decisões. Mecanismos de controle social, como conselhos escolares, podem amortecer instabilidade política, ao passo que metas incorporadas a planos plurianuais educacionais garantem continuidade financeira.

### **Implicações para a prática, a política e a pesquisa**

- Prática – Intervenções educativas voltadas à redução da violência baseada em gênero (VBG) devem adotar abordagem transformadora de gênero, promover masculinidades positivas, desenvolver habilidades socioemocionais e estimular a participação ativa de pares e colegas.
- Política – É necessário estabelecer marcos normativos que institucionalizem esses programas nas redes de ensino, garantindo sustentabilidade e responsabilidade comunitária.
- Pesquisa – Estudos futuros devem combinar conteúdos de igualdade de gênero com análises dos custos de aderir a masculinidades restritivas em grupos marginalizados; além disso, precisam incorporar avaliações econômicas e acompanhamentos de longo prazo para mensurar a efetividade contínua das intervenções.

### Limitações do estudo

Embora a análise *RoB 2* tenha indicado boa qualidade das evidências, nossas avaliações dependem exclusivamente do que os autores relataram. Em diversos artigos, as informações disponíveis foram insuficientes para responder plenamente a algumas questões, sobretudo sobre materiais utilizados, número de sessões e tempo de implementação. Além disso, os resultados podem ter sido influenciados pelo viés de desejabilidade social. O uso de instrumentos validados é outro ponto crítico. Embora a maioria dos autores forneça índices de confiabilidade, essa informação esteve ausente em alguns casos, o que dificulta julgar a eficácia real das intervenções. Observou-se ainda uma discrepância entre objetivos declarados, modificar atitudes e/ou comportamentos, e indicadores avaliados, que por vezes se restringiram a intenção de intervir ou percepção de risco.

### Considerações Finais

A promoção de alternativas às construções hegemônicas de masculinidade mostra-se fundamental para prevenir comportamentos e atitudes violentas entre adolescentes e jovens. Esta revisão demonstra que abordagens educacionais transformadoras de gênero, alicerçadas em reflexão crítica e participação ativa, impulsionam mudanças rumo a masculinidades mais equitativas: a maioria das intervenções analisadas reduziu indicadores de violência e melhorou atitudes e normas de gênero. Todos os programas impactaram, em graus variados, papéis de gênero, crenças sobre VBG e mitos correlatos, estimulando o pensamento crítico por meio de discussões em grupo, teatro ou conteúdos audiovisuais. Além disso, a adequação sociocultural das atividades revelou-se decisiva para engajar participantes e comunidades, reforçando o papel do contexto na consolidação das mudanças.

### Referências

ABEBE, K. Z. *et al.* Engendering healthy masculinities to prevent sexual violence: rationale for and design of the Manhood 2.0 trial. *Contemporary Clinical Trials*, [S.l.], v. 71, p. 18-32, 2018. DOI: 10.1016/j.cct.2018.05.017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cct.2018.05.017>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CERDÁN-TORREGROSA, A.; SANZ-BARBERO, B.; LA PARRA-CASADO, D.; VIVES-CASES, C. Areas for action to promote positive forms of masculinities in preventing violence against women: a concept mapping study in Spain. *International Journal for Equity in Health*, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 18, 2025. DOI: 10.1186/s12939-025-



02385-7. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12939-025-02385-7>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CULYBA, A. J. *et al.* Primary versus secondary prevention effects of a gender-transformative sexual violence prevention program among male youth: a planned secondary analysis of a randomized clinical trial. *Journal of Interpersonal Violence*, [S.l.], v. 38, n. 19-20, p. 11220-11242, 2023. DOI: 10.1177/08862605231179717. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605231179717>. Acesso em: 24 jun. 2025.

DAOUD, N. *et al.* Promoting positive masculinities to address violence against women: a multicountry concept mapping study. *Journal of Interpersonal Violence*, [S.l.], v. 38, n. 9-10, p. 6523-6552, 2022. DOI: 10.1177/08862605221134641. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605221134641>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FAGUNDES T.C.P.C. Masculinidades saudáveis x masculinidades tóxicas. *Rev. Bras. Sex. Humana [Internet]*. 18º de março de 2023 [citado 31º de julho de 2025];34:1076 . Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/1076](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1076) Acesso em: 24 jun. 2025.

GOTTERT, A.; PULERWITZ, J.; WEINER, R. *et al.* Systematic review of reviews on interventions to engage men and boys as clients, partners and agents of change for improved sexual and reproductive health and rights. *BMJ Open*, [S.l.], v. 15, n. 1, e083950, 2025. DOI: 10.1136/bmjopen-2024-083950. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2024-083950>. Acesso em: 24 jun. 2025.

HERREEN D, RICE S, CURRIER D, SCHLICHTHORST M, ZAJAC I. Associations between conformity to masculine norms and depression: age effects from a population study of Australian men. *BMC Psychol.* 2021;9(1):32. <https://doi.org/10.1186/s40359-021-00533-6>.

KING, K. *et al.* Protocol for a cluster randomized control trial of the impact of the Breaking the Man Code workshops on adolescent boys' intentions to seek help. *Trials*, [S.l.], v. 23, p. 110, 2022. DOI: 10.1186/s13063-022-06034-0. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13063-022-06034-0>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LEIVA, L.; TORRES-CORTÉS, B.; ANTIVILLO-BRUNA, A.; ZAVALA-VILLALÓN, G. Gender-transformative school-based sexual health intervention: study protocol for a randomized controlled trial. *Trials*, [S.l.], v. 25, p. 360, 2024. DOI: 10.1186/s13063-024-08191-w. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13063-024-08191-w>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LOHAN, M. *et al.* Effects of gender-transformative relationships and sexuality education to reduce adolescent pregnancy (the JACK trial): a cluster-randomised trial. *The Lancet Public Health*, [S.l.], v. 7, n. 7, p. e626-e637, 2022. DOI: 10.1016/S2468-2667(22)00117-7. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(22\)00117-7](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(22)00117-7). Acesso em: 24 jun. 2025.

LOHAN, M. *et al.* School-based relationship and sexuality education intervention engaging adolescent boys for the reduction of teenage pregnancy: the JACK cluster RCT. *Public Health Research*, [S.l.], v. 11, n. 8, p. 1-139, 2023. DOI:



10.3310/YWXQ8757. Disponível em: <https://doi.org/10.3310/YWXQ8757>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MILLER, E. *et al.* Effect of a community-based gender norms program on sexual violence perpetration by adolescent boys and young men: a cluster randomized clinical trial. *JAMA Network Open*, [S.l.], v. 3, n. 12, e2028499, 2020. DOI: 10.1001/jamanetworkopen.2020.28499. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.28499>. Acesso em: 24 jun. 2025.

PÉREZ-MARTÍNEZ, V.; MARCOS-MARCOS, J.; CERDÁN-TORREGROSA, A. *et al.* Positive masculinities and gender-based violence educational interventions among young people: a systematic review. *Trauma, Violence & Abuse*, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 468-486, 2023. DOI: 10.1177/15248380211030242. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15248380211030242>. Acesso em: 24 jun. 2025.

RUANE-MCATEER E, GILLESPIE K, AMIN A, et al. Gender-transformative programming with men and boys to improve sexual and reproductive health and rights: a systematic review of intervention studies. *BMJ Glob Health*. 2020;5(10):e002997. doi:10.1136/bmjgh-2020-002997. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7554509/pdf/bmjgh-2020-002997.pdf> Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTHYA, K. G. *et al.* Transforming the attitudes of young men about gender roles and the acceptability of violence against women, Bihar. *Culture, Health & Sexuality*, [S.l.], v. 21, n. 12, p. 1409-1424, 2019. DOI: 10.1080/13691058.2019.1568574. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1568574>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTHYA, K. G.; ZAVIER, A. J. F. Long-term impact of exposure to a gender-transformative program among young men: findings from a longitudinal study in Bihar, India. *Journal of Adolescent Health*, [S.l.], v. 70, n. 4, p. 634-642, 2022. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2021.10.041. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.10.041>. Acesso em: 24 jun. 2025.

TRICCO AC, et al. PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Ann Intern Med*. 2018;169(7):467–473. doi:10.7326/M18-0850

VERBEEK M, WEELAND J, LUIJK M, VAN DE BONGARDT D. Sexual and Dating Violence Prevention Programs for Male Youth: A Systematic Review of Program Characteristics, Intended Psychosexual Outcomes, and Effectiveness. *Arch Sex Behav*. 2023;52(7):2899-2935. doi:10.1007/s10508-023-02596-5. Disponível em: [10.1007/s10508-023-02596-5](https://doi.org/10.1007/s10508-023-02596-5) Acesso em: 24 jun. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. Geneva: WHO, 2010. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail-redirect/preventing-intimate-partner-and-sexual-violence-against-women-taking-action-and-generating-evidence>. Acesso em: 24 jun. 2025.

YOUNT, K. M.; CHEONG, Y. F.; BERGENFELD, I. *et al.* Impacts of GlobalConsent, a web-based social norms edutainment program, on sexually violent behavior and bystander behavior among university men in Vietnam: randomized controlled trial. *JMIR Public Health and Surveillance*, [S.l.], v. 9, e35116, 2023. DOI: 10.2196/35116. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/35116>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Recebido em junho de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.